

O Comando Militar do Barreiro - 1943

Por Rosalina Carmona



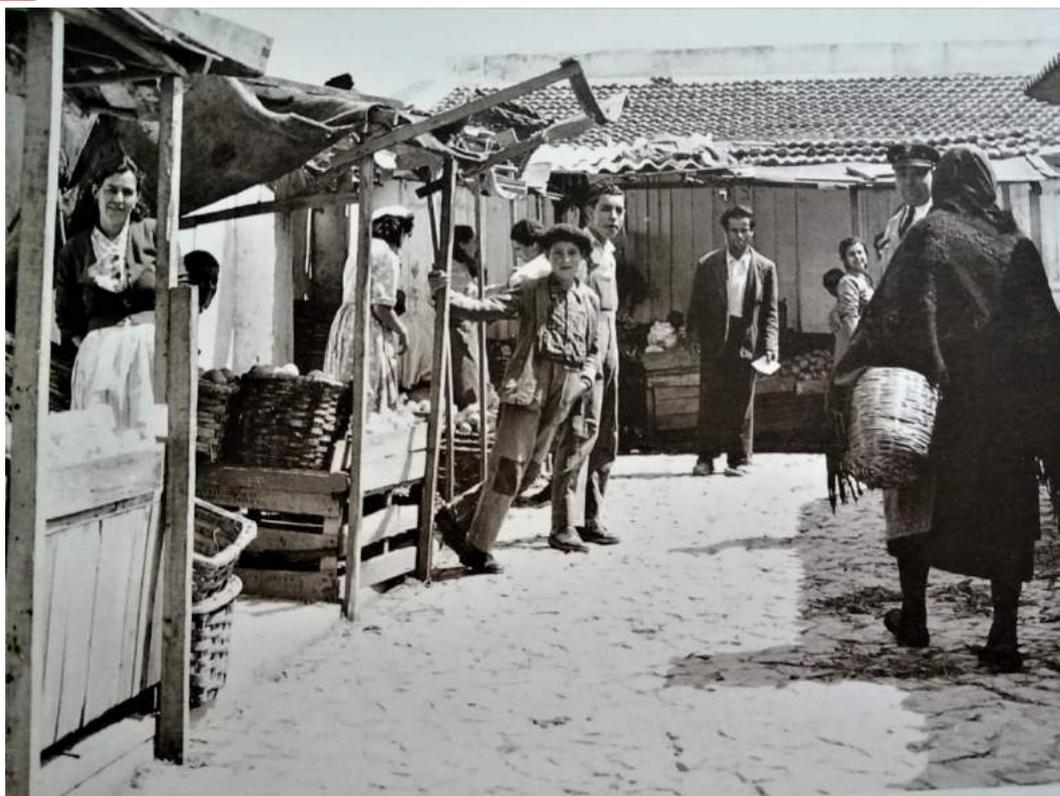
O Complexo fabril da CUF no Barreiro, postal, 1938¹

Como temos vindo a demonstrar, o regime fascista usou a seu favor a força da estrutura militar para aniquilar os adversários e, em casos particulares, foi ainda mais longe formando Comandos Militares com funções específicas de repressão de acontecimentos que envolvessem a ordem pública, ou provocassem agitação social, como foi o caso do Comando Militar do Barreiro.

Este Comando Militar surge numa dada conjuntura política e social e com uma função muito objetiva: a de pôr fim a uma greve que estava em curso em julho de 1943 nas fábricas da CUF. O ano de 1943 será, assim, muito marcado por diversas formas de violência, física e psicológica, exercidas sobre a população do Barreiro.

Em 1943 o país sofria o aprofundamento da crise económica e social agravada pela guerra e, no Barreiro, uma das consequências mais visíveis era o desemprego.

¹'O Barreiro através do bilhete-postal ilustrado', ed. Câmara Municipal do Barreiro, Livros Horizonte, 2005



O “Mercado da União” (Fábrica) no Bairro das Palmeiras, ou ‘Bairro da Folha’ junto às fábricas da CUF
Fotografia Augusto Cabrita²

A pretexto da falta de matérias-primas e de combustíveis, os “balões”³ na CUF sucediam-se, atingindo indiscriminadamente a grande massa operária. Por essa altura, todos os dias chegavam inúmeras pessoas à vila do Barreiro, em procura de trabalho. Grassava a pobreza extrema e a fome, potenciando o clima de agitação social latente. A situação, referida num relatório da Comissão Municipal de Assistência, é relatada nos seguintes termos:

«A vila do Barreiro, centro industrial dos mais importantes, constitui simultaneamente importante fulcro de pobreza e miséria. A par da população trabalhadora há, no Barreiro, um considerável número de desempregados, que procuram trabalho, que buscam o pão de cada dia, vêm de todos os pontos do país, atraídos pela miragem de uma colocação, que raros conseguem. [...] Estes homens, estas mulheres que vêm procurar trabalho gastam na viagem para aqui os seus últimos recursos. E não havendo trabalho deixam-se ficar na esperança e ilusão de que um dia haverá. E

² Fotografia incluída na obra “Augusto Cabrita – Na outra Margem O Barreiro Anos 40-60”, ed. CUF, SGPS,SA, Grupo José de Mello, Lisboa, 1999, pg. 142

³ Os “balões” eram empreitadas sazonais, nas quais eram admitidos trabalhadores conforme as necessidades de produção da empresa. Terminada a tarefa ou encomenda, eram imediatamente despedidos. Num dia podiam ser admitidos às dezenas para serem despedidos dias depois, como um balão que enchia e vazava rapidamente, daí a expressão popular «foram no balão». Sobre despedimentos na CUF, em julho de 1942, o *Avante!* referia: «Com o eterno pretexto do “não temos que fazer”, a gerência da CUF tem vindo de há uns meses para cá efectuando despedimentos em massa. A sua acção tem sido uma autêntica provocação à classe operária, pois não se tem limitado ao despedimento do pessoal adventício. Uma grande parte do pessoal despedido é *pessoal do quadro!*». Vd. ‘Opressão, despedimentos em massa, roubos ao pessoal, eis o panorama da CUF no Barreiro’, GES- PCP, *Avante!*, VI Série, nº 12, 1ª Quinzena de Julho de 1942, pg. 2

vá de estender a mão à caridade, vá de procurar nas entidades públicas subsídios indispensáveis ao seu sustento, vá de revoltar-se contra tudo e contra todos.»⁴

O problema das subsistências, face às dificuldades de obtenção e distribuição de géneros essenciais, a escassez de produtos no mercado, a alta dos preços no mercado negro, a inflação galopante e a rígida política de contenção salarial, geravam um profundo descontentamento social. O governo de Oliveira Salazar acaba por decretar o racionamento alimentar no mês Março de 1943.⁵ Em Lisboa as filas eram intermináveis para ter acesso às senhas de racionamento, gerando focos de conflito e incidentes que a polícia dominava à custa de «uma repressão particularmente rigorosa»⁶.



Lisboa, filas para obtenção de senhas de racionamento. Foto: Torre do Tombo⁷

No dia 21 de Julho de 1943 o Partido Comunista Português difunde um manifesto de apelo 'À Greve! Pelo Aumento de Salários', mobilizador das massas trabalhadoras para a realização de

⁴ CARMONA, Rosalina – “Relatório da Comissão Municipal de Assistência”, Câmara Municipal do Barreiro, CMB/B/Q/04/, Cx.01, 1946 in ‘O Barreiro Operário. Anos 30/50. Um Retrato social’, “Actas do Colóquio Internacional Industrialização em Portugal no Séc. XX – O caso do Barreiro”, ed. EDIUAL, 2010, pg.231-248

⁵ ROSAS, Fernando – “O redespertar da agitação social” in ‘O Estado Novo (1926-1974)’, História de Portugal (dir. José Mattoso), vol. 7, Circulo de Leitores, 1994, pg. 352

⁶ ROSAS, Fernando – “O redespertar da agitação social” in ‘O Estado Novo (1926-1974)’, História de Portugal (dir. José Mattoso), vol. 7, Circulo de Leitores, 1994, pg. 352

⁷ Travessa do Guarda-Mor em Lisboa. PT/TT/EPJS/SF/001-001/0088/1636R

«grandes marchas da fome» e formas superiores de luta, exemplificando como «ir buscar os géneros onde os houver».⁸

Na semana seguinte, a 26 de julho começam as paralisações em Lisboa nos estaleiros da Rocha de Conde de Óbidos, e em Cacilhas nos estaleiros da Parry & Son.

No dia 27, ainda em Lisboa, o movimento alarga-se a outras empresas do grupo CUF, como a Companhia Nacional de Navegação e a Fábrica de Sabões Sol. É nesta fábrica, situada na Avenida 24 de Julho, que se dão incidentes com as mulheres dos operários grevistas, dispersadas à coronhada pelas forças policiais de que resultaria uma das imagens repressivas mais conhecidas sobre esta greve, até hoje.⁹



«A polícia obrigando as famílias dos operários grevistas a abandonarem as imediações das fábricas» em Lisboa. Legenda da imagem do jornal *O Século*, 28/07/1943

⁸ 'Comunicado do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português', 21 de Julho, 1943, GES-PCP

⁹ Vd. *Jornal Século*, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0088/1316R. Durante anos esta imagem esteve associada à repressão da greve de 1943 na CUF do Barreiro. No entanto, a questão do local exato onde as fotografias foram tiradas levantou-se, pela primeira vez, em 2005 quando J. M. Leal da Silva colocou a hipótese de se tratar de repressão durante a greve da CUF, mas em Lisboa. Cf. "60 anos depois...as fotografias da greve de 1943", in "60º aniversário da greve de 1943 no Barreiro: comunicações", ed. Câmara Municipal do Barreiro, 2005. Hoje é consensual que a cena repressiva se passou, com efeito, em Lisboa na Travessa do Baluarte. Mais sobre o assunto vd. <https://estudossobrecomunismo2.wordpress.com/2003/07/28/j-m-leal-da-silva-fotos-da-greve-de-1943-excerto/>

Entretanto, na Margem Sul o movimento grevista estendia-se ao Seixal, com paralisações na Mundet e a outras fábricas de cortiça no concelho de Almada.

É ainda no dia 27 que os trabalhadores das fábricas da CUF no Barreiro engrossam o movimento, entrando em greve de braços caídos. Outras fábricas de cortiça e oficinas do Barreiro, Lavradio, Baixa da Banheira e Alhos Vedros, aderem também nesse dia. «Em todas as fábricas, os operários ocupam ordeiramente os seus lugares e conservam-se sem trabalhar, fazendo a greve de braços caídos.»¹⁰

Na noite de 27 para 28 haviam chegado ao Barreiro reforços policiais, para tentar travar o movimento grevista na CUF. Ao terceiro dia de greve, 28 de julho de 1943, dão-se os primeiros confrontos junto aos portões da CUF, quando os operários tentam entrar nos locais de trabalho e são dispersados pela violência.

«No dia 28, pela manhã, ao chegarem às oficinas da CUF para continuarem a greve dos braços caídos, os operários verificaram que as fábricas estavam encerradas e guardadas por forças armadas. Nos portões tinham sido afixados avisos de encerramento. A Polícia, a GNR e forças do Exército, mandaram retirar os operários.»¹¹

Impedidos de entrar nas fábricas, os trabalhadores da CUF dirigem-se então para as ruas da vila, onde são recebidos por outros seus companheiros corticeiros e também pelas suas mulheres e crianças, que os acompanham. As ruas são tomadas pela multidão e inicia-se uma marcha com as mulheres e crianças na frente, clamando a falta de géneros e gritando “Temos fome”, “Temos fome”¹². Dirigem-se às Oficinas Gerais da CP, tentando a paralisação geral na vila, o que conseguem apenas em parte¹³, cortam a circulação de comboios e seguem depois para a porta da Câmara Municipal. É então que se dão incidentes violentos com o Exército e a polícia.

«...vêm de Lisboa oficiais do Exército, fascistas, para comandar a Polícia. Procuram dispersar as manifestações pela brutalidade. Os trabalhadores resistem. Os oficiais mandam descarregar as

¹⁰ ‘50.000 Operários Lançam-se na Greve!’, Avante!, VI Série, nº 38, 2ª Quinzena de Agosto, 1943, pg. 2, GES- PCP

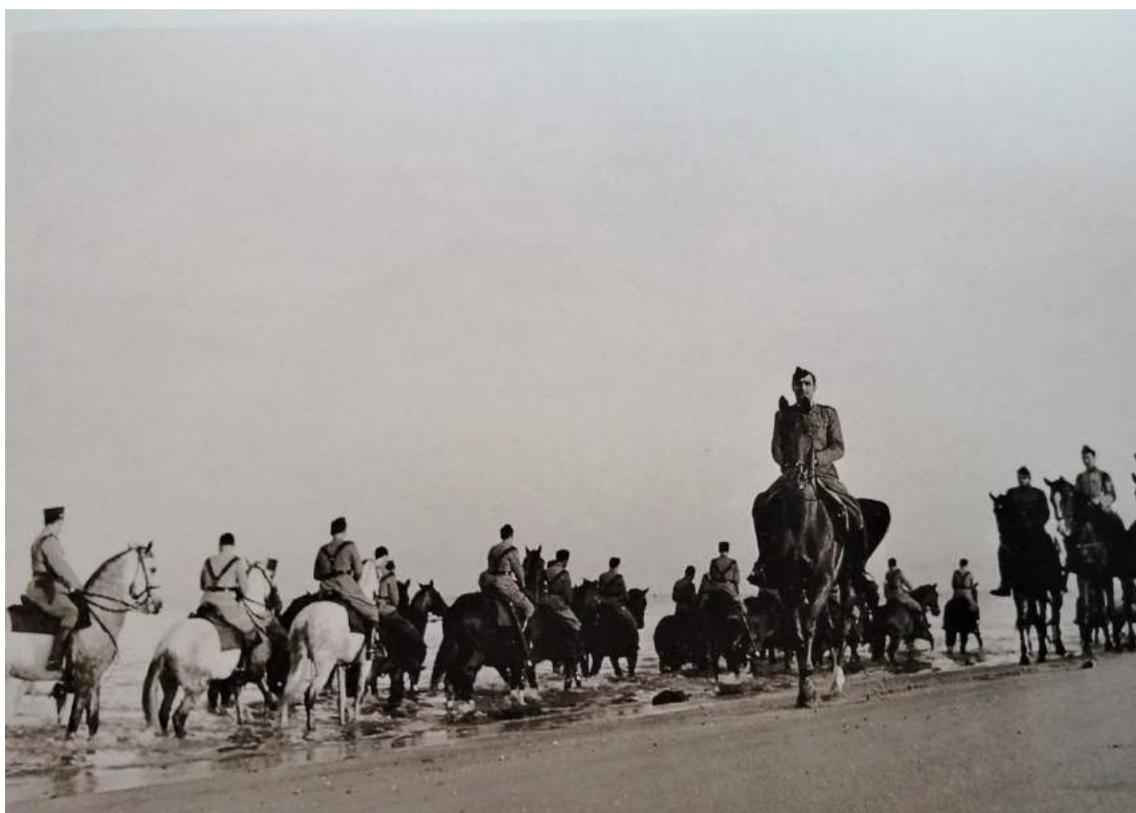
¹¹ ‘As Grandiosas Marchas da Fome e Manifestações de massas no Barreiro’. Avante!, VI Série, nº 39, 1ª Quinzena, Setembro, 1943, pg. 2, GES- PCP

¹² ‘As Grandiosas Marchas da Fome e Manifestações de massas no Barreiro’. Avante!, VI Série, nº 39, 1ª Quinzena, Setembro, 1943, pg. 2, GES- PCP

¹³ «Naquele dia, uma importante parte do pessoal da Companhia União Fabril, com o das fábricas de cortiça e de diversas oficinas, abandonando o trabalho, tentou a adesão do pessoal das oficinas Gerais da CP à sua atitude de protesto, não conseguindo, todavia, os seus objectivos, mas apenas uma suspensão do serviço, que começou cerca das 11 horas, quando aquelas oficinas foram invadidas pelos grevistas da CUF e pelos corticeiros, tendo o trabalho recomençado, progressivamente, a partir das 14 horas, sem mais incidentes.» PAIS, Armando da Silva – “O Barreiro Contemporâneo”, vol III, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1971, pg. 162

metralhadoras e lançar bombas de gases lacrimogéneos. Três mulheres, um operário e uma criança ficam feridos.»¹⁴

A violência da cavalaria da Guarda Republicana, do Exército e da PSP não conhece limites e desencadeia-se uma repressão brutal sobre os grevistas, como é reportado no relatório de um elemento da embaixada inglesa «que foi ao Barreiro observar o que se passava [e] informava que a vila se encontrava ocupada militarmente, que se viam nas ruas autometralhadoras *Bren* e que havia já feridos a lamentar.»¹⁵



Esquadrões da GNR em demonstrações de força na praia do Barreiro.

Fotografia: Augusto Cabrita¹⁶

Depois seguem-se prisões generalizadas por toda a vila. Capturados a oito, os presos vão sendo concentrados num armazém da fábrica de cortiça Teodoro Rúbio, requisitada para o efeito por falta de espaço nas instalações policiais. É imposto o recolher obrigatório e declarada a suspensão das garantias.¹⁷

¹⁴ GES- PCP, '50.000 Operários Lançam-se em Greve! Avante Até à Vitória'. Avante!, VI Série, nº 38, 2ª Quinzena, Agosto, 1943, pg. 2

¹⁵ PEREIRA, José Pacheco – Álvaro Cunhal – Uma biografia Política «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949), vol. 2, Temas e Debates, Lisboa, 2001, pg. 260

¹⁶ Fotografia incluída na obra "Augusto Cabrita – Na outra Margem O Barreiro Anos 40-60", ed. CUF, SGPS,SA, Grupo José de Mello, Lisboa, 1999, pg. 147

¹⁷ ROSAS, Fernando – "O redespertar da agitação social" in 'O Estado Novo (1926-1974)', História de Portugal (dir. José Mattoso), vol. 7, Circulo de Leitores, 1994, pg. 358

«Fizeram-se centenas de prisões, indiscriminadamente. Entravam por um estabelecimento comercial as patrulhas da GNR; se lá encontravam pessoas, por exemplo, a jogar às cartas, à hora do trabalho, ia tudo preso, incluindo o comerciante. Prendiam pessoas que se limitavam a andar nas ruas, como presumíveis grevistas. Os presos eram em tal número que os metiam nos armazéns da fábrica de cortiça.»²⁰¹⁸

A 29 de julho o movimento grevista ia no quarto dia, e é quando o Governo decreta a Mobilização Industrial através do Ministério da Guerra²¹.

A figura destacada para exercer o cargo de delegado especial para a Mobilização Industrial foi o major Botelho Moniz «funcionário superior da CUF que conhece como ninguém os problemas relacionados com a actual paralisação do trabalho, motivo por que foi escolhido para o desempenho do importante cargo que acaba de lhe ser confiado.»²²

Botelho Moniz já antes estivera ao serviço do governo de Salazar, alinhado nas fileiras franquistas durante a Guerra Civil de Espanha, como «elemento de ligação com as autoridades militares espanholas»²³ e comandante da legião “Viriatos”. Alguns desses legionários acompanhá-lo-ão ao seu serviço na CUF.

¹⁸ Entrevista ao operário da CUF Artur Santos Tavares, cf. ROSAS, Fernando – “O redespertar da agitação social” in ‘O estado Novo (1926-1974)’, História de Portugal (dir. José Mattoso), vol. 7, Circulo de Leitores, 1994, pg. 358



Juramento de Bandeira da Legião Portuguesa, milícia civil armada, no Estádio de Santa Bárbara, CUF, Barreiro, 1938¹⁹

A mobilização Industrial impunha severas punições a quem não acatasse a ordem. Os operários são todos despedidos e forçados a reinscrever-se nas fábricas, onde passou a vigorar o Regulamento de Disciplina Militar. Muitos serão incorporados pelo Ministério da Guerra no Batalhão Disciplinar de Trabalhadores da CUF, comandados pelo 4º Esquadrão da GNR²⁰. A recusa implicava julgamento em Tribunal Militar Especial e Conselho de Guerra.

1) Em obediência ao que se acha legislado sobre mobilização industrial, todas as suspensões de trabalho em quaisquer fabricas devem ser directa e imediatamente comunicadas pelas entidades patronais à Repartição do Gabinete do Ministério da Guerra.

2) Por ordem do delegado especial do mesmo ministério, e em cumprimento de instruções superiores, serão imediatamente evacuadas todas as fábricas onde se dêem paralizações de trabalho, e demitido o pessoal que haja abandonado o serviço.

As entidades patronais, em seguida ao encerramento, e se o Governo não determinar outra coisa, abrirão nova inscrição para admissão de operários, em substituição dos demitidos.

Em caso algum poderão ser readmitidos os fautores da paragem do trabalho e os culpados de quaisquer desacatos.

3) O pessoal que abandone o serviço, independentemente do sexo, e que, tendo sido preso, não seja de novo admitido ao trabalho, será imediatamente incorporado num batalhão de

¹⁹ S PT/TT/SEC-AG-2885M - 7.8.1938

²⁰ AN/TT, PIDE/DGS, Proc.º. 906/43 NT 4813, 9º vol.

trabalhadores, subordinado à mais severa disciplina militar. Esse batalhão, devidamente enquadrado, será utilizado, exclusivamente, em serviços pesados de interesse público.

4) O delegado especial do Ministério da Guerra para a mobilização industrial mandará fornecer mão de obra militar e da Legião Portuguesa às fábricas cuja laboração não convenha ser interrompida [...]».²¹

A onda repressora vai prosseguir com fúria inaudita, as forças policiais e o Exército desencadeiam uma perseguição generalizada em toda a zona do Barreiro e arredores, com «rusgas de limpeza»²² casa a casa, rua a rua.

Nos dias e meses seguintes as forças policiais vão prosseguir com os espancamentos, prisões em massa com a detenção de mais de 500 pessoas, entre elas cerca de 50 mulheres, ameaças de deportação, despedimentos, a ocupação militar das fábricas e nas ruas da vila tornou-se efetiva.

Na madrugada de 31 de julho 1943 é montado um cerco ao bairro da Baixa da Banheira, um bairro operário pegado com o Lavradio mas já no concelho da Moita. Aqui residiam centenas de operários da CUF e outras empresas, em pátios particulares constituídos por pequenas casas abarracadas alugadas.

Nessa noite foram capturados pela polícia 119 homens, que eram todos os que nessa madrugada foram encontrados em suas casas e acusados de participação na greve da CUF²³. Um dos detidos, Domingos José Rodrigues, não trabalhava sequer na CUF mas morava na Baixa da Banheira. Preso nessa madrugada, foi levado para a 1ª Esquadra (Lisboa), tendo sido libertado um mês depois. Nas declarações que prestou à polícia atribuía a prisão «à precipitação das autoridades, pois na Baixa da Banheira poucos foram os que escaparam, visto que nessa rusga não procuravam saber em que locais trabalhavam as pessoas que prendiam.»²⁴

Ainda assim, o Avante! referia no final do mês de agosto, que se mantinham em greve no país mais de 50.000 trabalhadores, resistindo heroicamente às medidas repressivas de Salazar.²⁵

A greve de 1943 na CUF do Barreiro deixará marcas profundas na memória e na resistência coletiva, tomando verdadeiras proporções «de um levantamento popular, marcando a vila operária de forma indelével como um bastião comunista até ao 25 de Abril.»²⁶

²¹ Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, "Diário de Lisboa", nº 7428, Ano 23, 29 de Julho de 1943, pp. 4. Disponível em:

<http://casacomum.net/cc/visualizador?pasta=05771.035.09038#!4>

²² Neste cerco «o local denominado "Baixa da Banheira" [foi] cercado de madrugada, passadas buscas a todas as moradias e prêsos quantos homens foram encontrados», num total de 119 indivíduos. Destes, 109 tiveram ordem de libertação em 24/08/1943 e os restantes 10 saíram em liberdade em 03/09/1943 por não existirem «acusações nem se fez qualquer prova durante os interrogatórios.» AN/TT, PIDE/DGS Procº. 906/43 NT 4812, 8º vol; PIDE/DGS Procº 906/43 NT 4813, vol. 15

²³ AN/TT, PIDE/DGS Procº. 906/43 NT 4812, 8º vol; PIDE/DGS Procº 906/43 NT 4813, vol. 15

²⁴ AN/TT, PIDE/DGS Procº. 906/43 NT 4812, 8º vol; PIDE/DGS Procº 906/43 NT 4813, vol. 15

²⁵ '50.000 Operários Lançam-se em Greve! Avante Até à Vitória'. Avante!, VI Série, nº 38, 2ª Quinzena, Agosto, 1943, pg. 2 GES-PCP

²⁶ PEREIRA, José Pacheco – Álvaro Cunhal – Uma biografia Política «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949), vol. 2, Temas e Debates, Lisboa, 2001, pg. 249



Notícia do Jornal Avante! sobre o movimento grevista de julho de 1943 na CUF, Barreiro

É neste ambiente opressivo e perigoso que surge o Comando Militar do Barreiro, como tentativa de sufocar o movimento grevista na CUF e, posteriormente, o regime fascista aproveitará para deixar sob o jugo da mais feroz repressão a resistente vila operária do Barreiro. A ocupação militar vai tornar-se a realidade quotidiana da população barreirense.

O Comando Militar enviado para ocupar o Barreiro envolveu meios motorizados de guerra e centenas de elementos do Exército, Guarda Republicana e Polícia, numa ação sem paralelo no país. Nas ruas do Barreiro, noite e dia, escutam-se agora as lagartas dos carros de assalto e atroam nas calçadas os cascos da cavalaria, impondo terror.

A 10 de agosto de 1943, o oficial que chefiava o Comando Militar do Barreiro, Major Marinho Falcão, elaborava um rol dos meios utilizados durante a ocupação militar da vila do Barreiro, que nos dá a medida da poderosa máquina de guerra posta em marcha, para sufocar o movimento grevista na CUF. Da relação constavam as seguintes viaturas militares²⁷:

Regimento de Cavalaria 1: com 6 viaturas ligeiras (várias marcas) com capacidade para 4 ocupantes.

Viaturas pesadas 5, e 2 com capacidade de 24 e 29 elementos.

²⁷ AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, "Relação das viaturas auto existentes nas unidades do Comando Militar do Barreiro"

16/8

ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR

COMANDO MILITAR
BARREIRO

Forças dependentes deste Comando Militar:

Localização	Unidade de origem	Pessoal		Orgânica	Observações
		Of.	Fraças		
Barreiro	R.C.5	5	100	1 Comp ^a . a 2 pels.	Recolheu em 3/8
"	R.C.5			1 Comp ^a . a 2 pels.	
"	R.T.11			1 Comp ^a . a 2 pels.	Recolheu em 3/8
"	R.P.F.	4	100	1 Comp ^a . a 2 pels.	
"	B.S.C.F.	4	72	1 Comp ^a . a 3 pels.	
"	R.C.3	4	306	2 Esquadrões	Unidades de trabalho <i>Recolheu</i>
"	R.C.3	5	100	1 Esquadrão a 3 pels.	
"	R.C.1	4	78	1 E. a 2 pels.) + 11 motoristas	Coluna de Elvas-Auto transportada
"	B.C.8	4	93	1 Comp ^a . a 2 pels.)	
"	R.I.5	3	120	1 Comp ^a . a 2 pels.	
"	2ª Comp ^a .T.H.	2	248	Unidade de trabalho	Recolheu em 12/8
Seixal	R.I.16	4	66	1 Comp ^a . a 3 pels.	Coluna de Évora
Elvas	E.P.A.	4	81	1 Bat. 10,5	<i>Recolheu</i>
Barreiro	E.P.A.	3		Comando	
Diversos	A.A.A.			5 Bat. a.a.	
Barreiro	G.N.R.	3	58	1 E. a 2 pels. d	
"	" "		40	1 pel. de Inf ^a .	
"	Polícia		24	1 Esquadra de 24 homens	Efectivo normal
"	"		90	1 Refôrço	Vindas de várias localidades
"	B.T.			1 Sec. de Transmissões	
"	R.C.7	1	23	1 Pel. de carros "Bren"	
"	P. Socorros	1	6	2 enfermeiros e 4 maqueiros	0 of. é da Arma de Inf ^a . com o Curso de medicina. As praças de 3ª Comp. 38.

Barreiro, 17 de Agosto de 1943

O Comandante Militar

Fred... ..

Relação das forças e meios ofensivos dependentes do Comando Militar do Barreiro
Arquivo Histórico Militar

Regimento de Cavalaria 7: com 5 Blindados marca Bren com capacidade para 4 ocupantes; 1 moto.

Batalhão de Cavalaria 8: com 5 viaturas ligeiras com capacidade para 20 elementos. Viaturas pesadas 5.

GNR: 1 Moto-side-car marca DAS com capacidade para 2 elementos;

Sec. B(atalhão) T(ansmissões): 1 Viatura pesada Chevrolet; 1 posto T.S.F.; 1 viatura ligeira com capacidade para 3 elementos.

Batalhão Sapadores de Caminho de ferro; 1 viatura pesada Chevrolet com capacidade para 20 elementos;

Comando Militar: 2 viaturas ligeiras com capacidade para 6 elementos; 1 moto para 1 elemento.

Total de viaturas 35.²⁸

Considerava aquele Comandante que tais meios bélicos eram os «necessários para manutenção do Destacamento e da Ordem Pública na área da Câmara Municipal do Barreiro em conformidade com as características e capacidades das viaturas».³⁴

As tropas ao serviço do Comando Militar do Barreiro para dominar a greve, chegaram em colunas autotransportadas e de comboio, provenientes de vários pontos do país como Setúbal, Évora, Elvas, Estremoz, Vendas Novas, Mafra, Caldas da Rainha, Lisboa.

A composição das forças sitiadas e o número de unidades envolvidas constitui um retrato impressionante do Barreiro, sob a ocupação militar. A 17 de agosto de 1943, os efetivos militares dependentes do Comando Militar do Barreiro, eram os seguintes:

Unidade de origem - Batalhão de Cavalaria 5 (Évora) com 5 oficiais e 100 praças com indicação orgânica: de 2 companhias a 4 pelotões;

Unidade de origem - Regimento de Infantaria 11 (Setúbal) sem indicação de número de praças ou oficiais mas com indicação orgânica de 1 companhia a 2 pelotões;

Unidade de origem - Escola Prática de Infantaria (Mafra) com 4 oficiais e 100 praças, com indicação orgânica de 1 companhia a 2 pelotões;

Unidade de origem - Batalhão de Sapadores dos Caminhos-de-Ferro (Lisboa) com 4 oficiais e 72 praças, com indicação orgânica de 1 companhia a 3 pelotões;

Unidade de origem - Regimento de Cavalaria 3 (Estremoz) com 9 oficiais e 406 praças, com indicação orgânica de 3 esquadrões a 3 companhias. Como observações, a nota de que se trata de «unidades de trabalho», provavelmente destinadas a substituir os grevistas.

Unidades de origem - Regimento de Cavalaria 1 e Regimento de Cavalaria 8 (integrados na coluna de Elvas) com 8 oficiais e 111 praças, com indicação orgânica de 2 esquadrões a 5 pelotões e ainda 11 motoristas.

Unidade de origem - Regimento de Infantaria 5 (Caldas da Rainha) com 3 oficiais e 120 praças, com indicação orgânica de 1 companhia a 2 pelotões.

Unidade de origem – 2ª Companhia T. H. (?) com 2 oficiais e 248 praças, com indicação orgânica de unidade de trabalho.

Unidade de origem – Regimento de Infantaria 16 (Évora) com 4 oficiais e 66 praças, com indicação orgânica de 1 companhia a 3 pelotões. Nota: Localização – Seixal.

Unidade de origem – Escola Prática de Artilharia (Vendas Novas) com 2 destacamentos, 1 no Barreiro com 3 oficiais e com indicação orgânica de 1 comando, outro localizado em Rilvas (provavelmente de prevenção), com 4 oficiais e 81 praças com indicação orgânica de «1 batalhão 10.5».

²⁸ AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, “Relação das viaturas auto existentes nas unidades do Comando Militar do Barreiro”

Unidade de origem – A.A.A.²⁹ Localização: Diversos, com indicação orgânica de 5 batalhões a.a.

Unidade de origem – Guarda Nacional Republicana com 2 destacamentos com 3 oficiais e 58 praças, com indicação orgânica de 1 esquadrão a 2 pelotões e mais 40 praças com indicação orgânica de 1 pelotão de Infantaria.

Unidade de origem – Polícia com 2 destacamentos 1 com 24 praças com indicação orgânica de 1 esquadra de 24 homens: Observação: Efetivo normal; outro destacamento com 90 praças com indicação orgânica de 1 Reforço. Observação: Vindos de várias localidades.

Unidade de origem – Batalhão de Transmissões com indicação orgânica de 1 secção de Transmissões.

Unidade de origem – Regimento de Cavalaria 7 com 1 oficial e 23 praças, com indicação orgânica de 1 pelotão de carros “Bren” [carros de assalto com metralhadoras].

Unidade de origem – Posto de Socorros com 1 oficial e 6 praças, com indicação orgânica de 2 enfermeiros e 4 maqueiros.³⁰

Contabilizando todos os efetivos, conclui-se que para esmagar o movimento grevista na CUF do Barreiro, em julho de 1943 o regime procedeu a uma concentração de meios absolutamente desmedida, envolvendo diretamente nesta operação 51 oficiais e 1605 praças, num total de 1656 homens, 35 viaturas de diversos tipos, entre os quais carros blindados de assalto, além de 90 cavalos provenientes do Regimento de Cavalaria nº3 de Estremoz e do Centro de Reunião de Solípedes de Vendas Novas.³¹

O país não estava em guerra, mas o Barreiro estava sob ocupação militar efetiva.

A 1 de novembro de 1943, o então Comandante do Destacamento do Barreiro, o Capitão de Cavalaria Décio Freitas, dando indicações sobre o armamento que deveria ficar na posse dos graduados que comandavam as forças estacionadas no Barreiro, ordenava:

«Material de Guerra – Deverá ser fornecido aos oficiais pistolas metralhadoras.»³²

Relativamente à GNR, desde 1943 que assentara provisoriamente dentro das fábricas do Barreiro um destacamento, constituído por elementos de Infantaria, Cavalaria e Engenhos Motorizados, ficando praticamente ao serviço da CUF. Posteriormente passará para aquartelamento próprio e definitivo, em instalações cedidas para o efeito pela CUF, que ainda hoje existem junto ao antigo edifício da Administração. A PSP seria retirada da vila, ficando a ordem pública a cargo da GNR com comando do Exército.

²⁹ Desconhecemos o significado da sigla A.A.A.

³⁰ AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, “Relação das viaturas auto existentes nas unidades do Comando Militar do Barreiro”

³¹ AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, Ofício do Comando Militar relativo às forças estacionadas no Barreiro entre 10 de Agosto e 7 de Outubro de 1943

³² AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, “Destacamento do Barreiro”

O ambiente na vila era de tal modo opressivo, que incomodava até os apoiantes do regime, como pode ler-se numa monografia com chancela oficial:

«Antecedendo, de breve período o final do estado de guerra na Europa, a força destacada no Barreiro, subordinada ao Comando Militar, passou a ser constituída por um Esquadrão Misto (Infantaria e Cavalaria) da GNR, sob o comando de um capitão.

Pouco tempo depois, a Esquadra da PSP do Barreiro, que era comandada pelo tenente Francisco de Castro Lobo, retirava desta vila, por um período que ninguém, então, presumiria que se prolongasse até agora.»³³

Em 2 de fevereiro de 1944, o Comandante do Destacamento Militar do Barreiro registava, em Nota Confidencial, o que considerava serem os meios necessários ao Comando e qual a organização do Esquadrão a Cavalos, que ficaria destacado na vila do Barreiro.

Compunha-se, entre outros, dos meios seguintes:

1 Comandante-Capitão; 25 subalternos (sargentos e cabos); 2 pelotões: 1 esquadrão de metralhadoras com 30 soldados e 36 selas e esquadrão de exploradores com 30 soldados e 36 selas, perfazendo um total de 78 soldados incluindo outras funções (cozinheiros, enfermeiros, ferradores); 8 condutores de viaturas; 2 observadores com cavalo; 99 selas a que corresponderiam os mesmos cavalos.³⁴

São justamente de 1944 as imagens seguintes, referentes ao contingente do Batalhão de Sapadores dos Caminhos-de-Ferro mobilizado para o Barreiro que, desde a greve de 1943 na CUF, ficara estacionado na vila do Barreiro.

O batalhão encontra-se em manobras na Avenida de Sapadores, onde pode reconhecer-se o guindaste que durante anos ali esteve junto à Estação Sula e Sueste, no chamado Cais da Cortiça. Mais ao fundo, nota-se a silhueta do Moinho Grande, ainda em perfeitas condições de funcionamento.

Por se tratarem de documentos históricos inéditos a que recentemente tivemos acesso, cujas imagens ilustram muito do que aqui ficou escrito acerca dos meios bélicos usados contra a população do Barreiro durante a ocupação militar, verificada em permanência a partir do movimento grevista na CUF em Julho de 1943, reproduzimo-los na íntegra, tal como as legendas feitas pelo próprio militar que neles participou.

³³ PAIS, Armando da Silva – “O Barreiro Contemporâneo”, vol. III, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1971, pg. 163

³⁴ AHM/F/6/L, Série 36, Caixa 847, Proc.º 16/5, 1950-1955, “Proposta de Organização do 3º Esquadrão do R.C.3 Destacado no Barreiro”, 2 de Fevereiro, 1944



Batalhão de Sapadores dos Caminhos-de-Ferro
Imagem gentilmente cedida pelo Dr. Clementino Amaro

Esta fotografia mostra um dos
muitos "Brens" que nos primeiros
dias percorriam as ruas do Barreiro
e em cada um podem ser colocadas
3 ou 6 metralhadoras.

Barreiro 20/6/1944

Legenda no verso da foto anterior
Fotografia: Clementino Amaro



O mesmo Batalhão de Sapadores dos Caminhos-de-ferro, ensaiando posição de tiro
Imagem gentilmente cedida pelo Dr. Clementino Amaro

Veem-se deitados dois soldados
fazendo fogo com metralhadora
"draise": as infensivas armas que
so' dão 600 tiros por minuto. O resto
das equipes defendem-se a tiro de
espigarda

Barreiro 20/6/1944
02

Legenda no verso da foto anterior
Fotografia: Clementino Amaro

Atente-se- na legenda da foto, até um pouco irónica, e de como o autor tinha consciência do poder de fogo das armas que eram usadas neste exercício, decerto para desencorajar qualquer tentativa por parte da população.

«Veem-se deitados dois soldados / fazendo fogo com metralhadora / «draise» as in[o]fensivas armas que / só dão 600 tiros por minuto. O resto das equipas defendem-se a tiro de / espeingarda

Barreiro 20/6/944»

Segundo uma fonte autorizada do regime, no Barreiro dos anos 60 do século XX, além das forças da GNR e Batalhão de Sapadores aquartelados na vila, existia ainda uma «sede do Terço Independente nº 12 da Legião Portuguesa, com uma formação da Defesa Civil do Território. É também o Barreiro sede duma subdelegação regional da Mocidade Portuguesa (Ala nº 7), abrangendo os concelhos do Barreiro e Moita, e duma subdelegacia regional da Mocidade Portuguesa feminina, englobando os dois referidos concelhos.»³⁵



Esquadrões da GNR nas ruas do Barreiro, anos 1960.
Foto particular de Álvaro Monteiro

³⁵ PAIS, Armando da Silva - *O Barreiro Contemporâneo*, vol. I, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1966, pg. 5

Todavia, a GNR tornara-se a imagem odiosa do regime. A cavalo, ou em patrulhas pelas ruas em demonstrações intimidatórias de força e brutalidade, a ocupação militar no Barreiro tornara-se permanente. Foi até 25 de Abril de 1974.

Museu Nacional Resistência e Liberdade

29-10-2020

Agradecimento muito especial ao Dr. Clementino Amaro, pela cedência da foto inédita do Batalhão de Sapadores do Caminho-de-ferro, mobilizado para Barreiro durante a greve na CUF em 1943.